

Empresário doa terreno para favelados

FOTOS: Roosevelt Pinheiro

O empresário Reginaldo Lobato Pereira doou ontem, através da Secretaria de Serviços Sociais, 150 lotes para os invasores da 110 Norte. O anúncio foi feito no início da noite pelo secretário Adolfo Lopes, para quem, agora, o problema da invasão está praticamente resolvido. Os lotes, com 480 metros quadrados cada um, ficam no Loteamento Monte Alto, distante 13 km de Brazlândia.

Dos 13 km que dão acesso aos lotes, seis são asfaltados e cinco compõem uma estrada de cascalho. Além disso, a área — com um total de 72 mil metros quadrados — é eletrificada e ali o GDF deverá construir um poço artesiano e uma escola. O secretário — que visitará os lotes hoje de manhã — informou ainda que, tão logo esteja de posse da área, vai repressá-la à Fundação Maria do Barro, para que lá se desenvolvam projetos como os da horta e oficina comunitárias.

A tarde, durante a segunda visita que fez ontem à invasão, Adolfo Lopes disse que o governador José Aparecido assinou, na noite de terça-feira, um decreto autorizando o Banco de Brasília (BRB) a liberar recursos da ordem de Cz\$ 4 milhões, para viabilizar a proposta de mandar de volta às suas cidades de origem todos os invasores que optarem por essa proposta. Com o dinheiro, o secretário acredita que será possível comprar as passagens e fornecer o auxílio alimentação às cerca de 200 famílias que já se prontificaram a viajar para os locais de onde vieram.

Apesar da morosidade com que vem se processando, a remoção de famílias e demolição dos barracos foi definida pelo secretário como uma operação que está alcançando «pleno sucesso», porque é feita sem violência, sem deixar traumas. Na visita, porém, Adolfo Lopes demonstrava sua irritação com o presidente da Associação dos Moradores da Invasão, Elias Ribeiro, que teria declarado para uma rádio que ele — e muitos outros moradores — não aceitam ir para Santo Antônio do Descoberto,

porque é longe, o local não presta e não oferece condições.

«Ele atrapalhou as negociações que vinham sendo feitas com a prefeitura», afirmou, acrescentando que, se as negociações falhassem completamente, a solução seria alojar duas, e não apenas uma família, em cada um dos lotes de 360 metros quadrados que serão ocupados pelos invasores em Brasília. Isso porque, como o número de famílias é superior 400, se 200 realmente viajarem e apenas 110 forem para Brasília, muitas ficariam sem ter para onde ir, o que não acontecerá mais com a doação dos lotes de Brazlândia.

Demolição

Ontem à tarde, enquanto muitos se inscreviam para ter direito às passagens, no «trailler» da Fundação de Serviços Sociais (FSS), caçambas da Terracap davam prosseguimento à demolição de barracos e remoção de famílias. Uma funcionária da FSS informou que, até às 16 horas, 16 barracos haviam sido demolidos, entre os que estavam ocupados e aqueles em que não morava mais ninguém. Com esses, sobe para 62 o número de barracos demolidos.

O secretário Adolfo Lopes confirmou ainda que algumas famílias foram removidas para a Vila Paranoá e outras invasões fora do Plano Piloto. Acrescentou que isso só correu, no entanto, com as pessoas que já tinham barracos nessas outras áreas, e que haviam mudado para a 110 Norte apenas porque assim ficariam mais próximas do local de trabalho.

Depois de anunciar a construção de uma escola e outros benefícios que serão realizados nos lotes de Brasília, como a horta e a oficina comunitárias, Adolfo Lopes fez um apelo aos proprietários de grandes áreas desabitadas no Plano Piloto, no sentido de que não as deixem sem segurança. «São importantes a cerca e vigias, inclusive à noite, para evitar o surgimento de novas invasões», sugeriu.

Passagens estão garantidas

A partir de hoje saem de Brasília as primeiras famílias da invasão da 110 Norte que decidiram aceitar uma das propostas do GDF e voltar para suas cidades de origem. A distribuição das passagens foi liberada ontem à tarde, e segundo explicou Nilton Araújo, assessor da Secretaria de Serviços Sociais, os bilhetes só vão ser entregues à porta do ônibus.

Até ontem, 26 famílias confirmaram no «trailler», da Fundação de Serviços Sociais — que está fazendo o cadastramento dos moradores — que desejavam voltar para seus estados, num total de 62 pessoas. O maior contingente, nove famílias, vai retornar para o Ceará, estado que deixaram fugindo da seca e da miséria.

As famílias que optaram pela viagem terão o transporte gratuito até à Rodoferroviária, além de um auxílio alimentação no valor de Cz\$ 500,00, dependendo do destino da família. Se, por exemplo, a família for para São Paulo ou mesmo Barreiras, na Bahia, por ser uma viagem «rápida» não é necessário ajuda, segundo Nilson Araújo. Mas aquelas que vão para o Ceará, «essas sim vão precisar comer no caminho», e aí terão a ajuda de alimentação.

Brasília

Mas o movimento na invasão não se restringiu apenas ao cadastramento feito pela FSS. O secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, pela manhã tratou de repassar aos moradores os acertos feitos com a Prefeitura de Brasília, que vai abrigar em seu município pelo menos 100 das 500 famílias que moram na favela da 110 Norte.

Segundo o Secretário, hoje será deslocado para o município goiano um trator que fará a limpeza do

terreno pedido pela Fundação Maria do Barro para assentamento das famílias removidas de Brasília. O prefeito de Brasília, Adhemar Alves Borges já enviou em regime de urgência à Câmara Municipal, a solicitação da Fundação e prevê que até terça-feira os vereadores locais já tenham aprovado a ocupação.

A Prefeitura de Brasília e a Fundação Maria do Barro encaminharão juntas ao Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente um pedido de liberação de recursos para construção de 100 casas populares na cidade. O ministério entraria com Cz\$ 5 milhões para compra do material, enquanto a prefeitura, em regime de mutirão, construiria as casas.

Adhemar Borges acrescentou, ainda, que essas casas seriam feitas com um cômodo e as próprias famílias se encarregariam de fazer a divisão interna, através de divisórias ou cortinas.

A recusa

Mesmo com as explicações dadas ontem pelo Secretário de Serviços Sociais, a maioria dos moradores da invasão da 110 Norte se recusa a sair do local para uma área fora do Distrito Federal, como as alternativas apresentadas pelo GDF que são em Brasília (Planaltina de Goiás), Santo Antônio do Descoberto e Luziânia, todas elas fora do DF. Brazlândia, a mais nova opção, pode agradar por ser no DF.

Um caso típico de recusa é do morador Cosme Alves da Silva. Ele tem cinco filhos e diz que só sai da invasão para uma casa da Shis, afirmando que a promessa da moradia já foi feita por funcionários da instituição e até um promotor público, Francisco Cauby, lhe garantiu a concessão da casa.